



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

PROLETARIZAÇÃO DOCENTE E EDUCAÇÃO FÍSICA: Alguns elementos para discussão

Guilherme Bardemaker Bernardi¹

Resumo

Este trabalho faz parte de um projeto de mestrado em andamento que discute a questão da proletarização docente no âmbito da educação física escolar. Visa compreender como os professores de educação física organizam seu trabalho pedagógico frente ao processo de proletarização docente e como este fenômeno implica na educação física escolar. Adotamos o conceito de proletarização como sendo um processo que amplia as relações capitalistas dentro da escola e que subtrai dos professores diversas qualidades, que precarizam e intensificam o trabalho do professor, retirando o controle e o sentido da docência. Neste recorte, nos limitaremos a situar a discussão no âmbito da educação e apontar algumas questões para a discussão no âmbito específico da educação física.

Abstract

This work is part of a master's project in progress that discusses the matter of teachers proletarianization in physical education school. Seeks to understand how physical education teachers organize their pedagogical work front of the proletarianization process teaching and how this phenomenon implies the physical education. We adopt the concept of proletarianization as a process that expands the capitalist relations inside the school and subtracts different qualities of teachers, that make precarious and enhance the teacher's work, removing the control and the sense of teaching. In this survey we limit ourselves to focus the discussion on education and point out some questions for discussion in the specific context of physical education.

Resumen

Este trabajo es parte de un proyecto de maestría en curso que aborda el tema de la proletarización docente de educación física en la escuela. Trata de comprender cómo los profesores de educación física organizan su trabajo pedagógico en contra del proceso de la proletarización y cómo este fenómeno implica la educación física. Nosotros adoptamos el concepto de proletarización como un proceso que amplía las relaciones capitalistas dentro de la escuela y que

1 Professor de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Mestrando em Ciências do Movimento Humano, ESEF/UFRGS.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

sustrae de los maestros cualidades diferentes que hacen precaria y intensifican el trabajo del profesor, la eliminación del control y la dirección de la enseñanza. En este estudio nos limitamos a centrar el debate sobre la educación y señalar algunas cuestiones para el debate en el contexto específico de la educación física.

PALAVRAS-CHAVE: PROLETARIZAÇÃO DOCENTE; TRABALHO PEDAGÓGICO; EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de um projeto de mestrado em andamento que discute a questão da proletarização docente no âmbito da educação física escolar. Neste recorte, fazemos uma discussão sobre o processo de proletarização docente, nos aproximando de alguns conceitos e trazendo alguns elementos para discussão no âmbito da educação física escolar. Partimos do entendimento que o professor, da educação física e das demais disciplinas, está imerso em determinados contextos sociais e culturais que exigem dele um preparo e dedicação que vai além do puro e simples conhecimento técnico-instrumental, mas sim de um conhecimento humano que possibilite aos mesmos confrontar diariamente as situações mais adversas. É de conhecimento geral as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos professores das escolas públicas, tanto de ordem estrutural, quanto de ordem social, (como a falta de recursos, a escassez de material didático, desinteresse dos alunos, dificuldades de aprendizado, elevados índices de repetência e evasão, apenas para citar alguns) que de fato interferem no trabalho pedagógico a ser por eles desenvolvido. Assim, estes problemas não podem ser entendido apenas na figura do professor. O professor é apenas a ponta de toda uma estrutura que está consolidada na nossa sociedade e que se estende para o âmbito escolar. Não podemos enxergar esta situação apenas olhando para o micro contexto em que se situa este professor que vive diariamente situações das mais diversas. De fato necessitamos compreender este micro contexto do cotidiano escolar, mas entender que dele não podem ser desconectados outros contextos maiores, principalmente no que tange à formação dos professores, passando pelas estruturas curriculares, às concepções de ensino e teorias pedagógicas, e finalmente à base material em que se inserem todos estes processos e onde está inserido o processo de trabalho no interior da escola: a sociedade capitalista. É nesse contexto que compreendemos o processo de proletarização do trabalho docente. Desta forma, para melhor abordarmos o tema, iremos brevemente discutir a questão do trabalho e educação, para depois situarmos a discussão sobre a proletarização e algumas implicações na educação física.

2. TRABALHO

O conceito de trabalho é entendido de duas formas, complementares entre si. O primeiro é sua perspectiva ontológica, que segundo a teoria marxiana, diz respeito à sua função humanizadora.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

O trabalho é a mediação do homem com a natureza a fim de produzir a sua existência. É somente conhecendo e interagindo com a natureza que torna-se possível o ser humano constituir-se como tal, pois é ao transformar a natureza que o homem se transforma. Por isso, para Marx, o trabalho aqui cumpre sua função ontológica.

É por isso que entra de forma determinante o papel da *consciência* na definição do trabalho como uma atividade essencialmente humana. Como aponta Lukács (1978):

[...] A essência do trabalho consiste precisamente em ir além dessa fixação dos seres vivos na competição biológica com seu mundo ambiente. O momento essencialmente separatório é constituído não pela fabricação de produtos, mas pelo papel da consciência, a qual, precisamente aqui, deixa de ser mero epifenômeno da reprodução biológica [...] (p.5).

Esta caracterização sinaliza para pensarmos na centralidade do trabalho na existência do ser humano, para além do ser biológico, constituir-se enquanto um ser social. É a partir deste processo constante de produção da vida não apenas como mera adaptação ao meio, mas que produz, através do papel da consciência, valores e sentidos para suas produções, é que temos então o trabalho como central na constituição da vida humana.

Do ponto de vista histórico, o trabalho é condicionado pelas relações sociais e pelo modo de produção. Assim, a relação com o trabalho, que esteve sempre ancorada nestas determinações de classe, acabam por serem aprofundadas com a ascensão do modo de produção capitalista no século XVIII, sendo consideravelmente modificadas.

Nas sociedades pré-capitalistas o trabalho era caracterizado principalmente pela sua condição artesanal de produção. Os trabalhadores detinham o controle do seu trabalho, na forma de fazer, no tempo necessário para concluí-lo. Os trabalhadores tinham controle sobre o processo e o produto final. Com o advento da sociedade industrial, uma consequência da ascensão burguesa como classe dominante, estas condições são profundamente alteradas. A massa de indivíduos sem ocupação, “livres”, sem nada a não ser sua prole, os *proletários*. Estes se veem obrigados a vender a única mercadoria que possuem para os capitalistas: a força de trabalho. Os trabalhadores encontram-se numa posição em que trabalham para o capitalista, recebem uma pequena parte de sua produção em forma de salário, e o excedente, o trabalho não pago, fica com o dono da fábrica. Esta é a base da teoria da mais-valia, de Karl Marx. Com o progresso cada vez mais rápido da tecnologia, advento das maquinarias e da industrialização, ocorre o que é denominado de “subsunção real do trabalho ao capital”. Segundo Fernández Enguita (1989), esta subordinação ocorre quando o capitalista não mais aceita os processos de trabalho estabelecidos e não trata apenas de aumentar a mais-valia através do aumento da jornada de trabalho (mais-valia absoluta). Agora o capitalista preocupa-se em reorganizar o processo da produção. O trabalho é parcelado em tarefas, com gerenciamento das atividades, iniciando o processo de exploração da mais-valia relativa. Esta é a chamada divisão manufatureira do trabalho.

É através deste processo que consolida-se o conceito Marxista de alienação. Para Marx, este ato ocorre tanto na relação do *produto do seu trabalho* que já não pertence mais a ele e sim ao seu



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

patrão, como na relação do *ato da produção*, quando o trabalhador tem sua função parcelada, não tendo compreensão do todo de seu trabalho. Ou seja, o trabalho na sociedade capitalista torna-se alheio ao trabalhador. É exterior a ele. Assim, o trabalho que ele produz não é seu, mas de outro, e acaba não reconhecendo a si mesmo naquele processo (MARX, 2001).

Ao longo do tempo, as condições de trabalho dentro da sociedade capitalista foram se modificando, como por exemplo o advento do Fordismo/Taylorismo no início do século XX como uma forma de gerência científica do trabalho. Posteriormente a ascensão do Taylorismo surge como uma alternativa ao desgaste fordista para tentar solucionar a crise ocorrida na década de 70. É a chamada “acumulação flexível”, na qual a forma de fabricar baseia-se na demanda e não na produção em massa, e com trabalhadores polivalentes, cumprindo várias funções. Desta nova forma de organizar o trabalho, começam também as flexibilizações das relações de trabalho.

Estas transformações no mundo do trabalho, como vemos, são as que vão consolidando o capitalismo como hegemônico no seu tempo, não só como *modo de produção*, mas como um modo de organização da sociedade. Desta forma, são estas que também relacionam-se com o mundo da educação, que trataremos a seguir.

2 A ESCOLA NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Nosso ponto de partida é a compreensão que a forma como a escola está configurada hoje é reflexo da consolidação da burguesia como classe dominante, a partir da revolução industrial e da ascensão do capitalismo como modo de produção hegemônico. Do ponto de vista ideológico, são as ideias liberais que estão na origem da produção da escola pública moderna. É a partir desta visão de mundo que a escola moderna vai se forjando, principalmente pelas necessidades da nova sociedade. A disputa apontada pelo autor no âmbito econômico também esteve presente no âmbito educacional. A Igreja foi, historicamente, uma instituição que deteve um grande poder epistemológico, sendo por muito tempo a responsável pela educação, obviamente dentro de uma perspectiva religiosa. Por isso, foi necessário consolidar uma forma de ensino que pudesse dar conta das novas demandas, de afirmar, através da educação, as próprias ideias liberais, na busca da formação de cidadãos, livres e esclarecidos, contrapondo-se à Igreja, que até então detinha a hegemonia frente ao conhecimento.

Além disso, a configuração do trabalho na era industrial demandava um novo trabalhador, e para tal, a escola surgia como um espaço necessário para moldar a futura mão-de-obra. Até a idade feudal o conhecimento e o trabalho eram pontos que tinham uma ligação mais concisa. O trabalho artesanal era ensinado pelos mestres para seus aprendizes no próprio fazer laboral, dentro do seu tempo e da sua forma. Ou seja, os processos educativos eram intimamente ligados com o trabalho, pois era a necessidade demandada desta forma de organização societária. Já na sociedade capitalista, a separação das formas de execução e planejamento, da alienação do trabalho como ponto fundamental, demandam uma nova forma de organização, e a educação surge como necessária para moldar o antigo trabalhador feudal, em um cidadão liberal, orientado pelas



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

determinações e valores da sociedade industrial.

Como sustenta Mészáros (2007) a lógica educativa do capital é “incorrigível”, e se quisermos pensar em uma mudança significativa da educação, precisamos também compreender que se faz necessária uma mudança também na forma como a sociedade hoje está organizada. Para o autor se não pensarmos neste rompimento com o modo de produção hegemônico, todos os esforços em nome de uma melhor educação, mesmo os mais avançados, estarão limitados a tentar corrigir as falhas da ordem estabelecida, ou seja, tentar remediar os piores efeitos que a lógica do capital tem inserido nos processos educacionais.

Segundo o autor,

[...] Limitar uma mudança educacional radical às margens corretivas interesseiras do capital significa abandonar de uma só vez, conscientemente ou não, o objetivo de uma transformação social qualitativa. Do mesmo modo, contudo, procurar margens de *reforma sistêmica* na própria estrutura do sistema do capital é uma *contradição em termos*. É por isso que é necessário *romper com a lógica do capital* se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente. [...] (2007, p.198, grifos do autor)

Assim, o autor aponta que o capital tem impactado de forma intensa no campo da educação, ao longo de seu desenvolvimento. O que tem mudado, de fato, são apenas as *modalidades* de imposição de sua lógica. Em decorrência das diferentes circunstâncias que o capital têm se apresentado, os efeitos na educação mostram relacionados com estes fatos.

3 EDUCAÇÃO CAPITALISTA E PROLETARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE

Ao pensarmos que a educação tem um vínculo estreito com as relações da sociedade capitalista, é possível analisa-la também do seu ponto de vista estrutural. Laval (2004) compreende que, ao contrário do que alguns críticos julgam, a lógica do neoliberalismo não vem transformar a escola bruscamente. O espírito do capitalismo está presente na escola. Estas novas transformações, são na verdade a atualização de uma fase mais madura da sociedade de mercado. Algumas destas relações que merecem destaque são: a padronização de objetivos e controle, descentralização, produtividade e a pretensão de elevar a qualidade da força de trabalho sem reduzir as despesas públicas. Assim, a escola do período neoliberal tende a se dirigir dentro de uma lógica de mercado, baseado nos modelos de gestão das empresas, principalmente em nome de uma melhor “eficácia”, visto que o modelo de gestão do Estado é taxado de burocrático e ineficiente. Isto acarreta em uma ótica escolar condizente com as novas formas de produção da sociedade, que deixaram de ser majoritariamente do tipo “fordista”, e que cada vez mais se inserem dentro da lógica “flexível”, de inspiração toyotista. A formação passa a ser contemplada principalmente em lógicas que estão condizentes com estas novas determinações, tendo em vista que, a ideia do “pleno emprego” da sociedade do bem-estar social é substituída pela ideia de “empregabilidade”. Ou seja, não há mais



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

uma garantia de emprego decorrente de uma boa formação, muito menos a garantia de estabilidade para aqueles que têm emprego. A nova ótica da acumulação flexível necessita então de um trabalhador flexível, que possa se adaptar facilmente em diferentes ambientes de trabalho, que esteja disposto a desempenhar diversas funções. Não é a toa que as novas determinações escolares, principalmente aquelas indicadas por organismos internacionais, estão baseadas no que se refere à pedagogia das competências.

No que diz respeito às transformações ocorridas na organização das escolas, são claras as configurações e reconfigurações decorrentes dos preceitos da sociedade capitalista. Hypolito (1991) retoma o movimento ocorrido principalmente no século XX na escola brasileira, onde aponta uma série de modificações que reconfiguram sua estrutura. Para o autor, a escola que possuía um modelo tradicional na qual o professor era o centro do saber e detinha total controle em relação ao ensino, passou a ser substituída por um modelo “técnico-burocrático”, sendo suas principais características a redução da autonomia do professor e iniciando um processo crescente de divisão do trabalho dentro da escola. Nesta nossa configuração, denominada de “modernização” das funções exercidas nas escolas, surgem novas relações dentro da instituição escolar, como a fragmentação do trabalho e a hierarquização de funções. Como decorrência deste processo de fragmentação, a análise inicial que faço é que estas acarretam num processo de alienação do próprio conhecimento, criando dificuldades de pensar e organizar o trabalho pedagógico de forma mais ampla do ponto de vista pedagógico e didático. Isto pode ser observado, por exemplo, na dificuldade que professores de áreas afins têm para conseguirem organizar um trabalho interdisciplinar, que seria fundamental para melhores as relações de ensino-aprendizagem. Além disso, para os próprios estudantes, a visão geral de um todo é praticamente inexistente. Não é raro ver alunos em aulas de educação física mostrando-se contrariados em fazer “trabalhos teóricos”, como se não fosse parte da aula. Claro que esta dificuldade, tanto por parte de estudantes e professores, precisa ser entendida como uma limitação inerente à esta forma de estruturação curricular. Não é culpa do professor ou do aluno não conseguir ver o conhecimento de forma mais abrangente, mas sim de uma estrutura escolar baseada numa lógica “multidisciplinar”, e não “interdisciplinar”.

É necessário, portanto, compreender as relações de trabalho da escola a partir de uma perspectiva da base material, para que não debatamos os problemas da escola de modo apenas subjetivo e isolado do mundo, entendendo que a escola está inserida dentro de um contexto mais amplo de sociedade e que nela são impressas, em menor ou maior escala, muitas das características do modo de produção capitalista. Deste modo, tentar achar culpados pelas dificuldades existentes no ensino público brasileiro sem contextualizar estes problemas é um grande equívoco.

Entretanto, há de se ter um cuidado para que não caiamos num puro e simples maniqueísmo e determinismo, pois a necessidade de se aprofundar as diferentes dimensões dos problemas educacionais passa por entender que são diversos aspectos que contribuem para o quadro da educação que vivemos hoje, e que concepções e ideologias críticas ao modelo hegemônico de educação são de extrema importância na medida em que, guardada as devidas proporções, podem sim trazer avanços significativos em termos educacionais, na medida em que pensem uma educação mais autônoma e crítica e contribuam para a luta de uma educação voltada para os interesses da



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

classe trabalhadora.

Porém, nossa compreensão é que o trabalho do professor tem passado por um intenso processo de proletarização. Segundo Contreras (2002), a tese básica da proletarização dos professores se constitui na subtração progressiva de uma série de qualidades que levam o professor a perder tanto o controle como o sentido de seu trabalho. Estas transformações mostram-se necessárias para a organização do Estado capitalista, que necessita se adaptar para poder legitimar o modo de produção vigente e legitimar a si próprio. Assim, os processos de trabalho dentro da escola são cada vez mais específicos, onde a perspectiva de conjunto do todo é extinta, exigindo cada vez menos do professor uma ação intelectual, mas sim automatizada e técnica, onde se inicia um processo de separação entre concepção e execução, no qual o professor passa a ser um mero executor de programas e tarefas para qual ele foi designado (op cit.).

Esta condição sinaliza para uma característica fundante da própria concepção de trabalho vigente e que merece certo destaque para compreender o processo de proletarização, que é a alienação do trabalho. Ao considerarmos a educação como um processo diferenciado de trabalho, principalmente pela sua característica imaterial, pode-se compreender o processo de alienação do trabalho docente. Diferentemente do processo de produção de bens materiais, em que as características da alienação estão ligadas à propriedade privada dos meios de produção, à separação do trabalho intelectual e manual, do processo de produção e também do próprio produto, estas relações devem ser analisadas com bastante cuidado quando falamos em termos educacionais. Segundo Costa (2009):

[...] o processo de alienação do trabalho do professor, em que se constrói uma relação estranhada entre ele e os conhecimentos, só pode ser efetivar pela formação esvaziada e pela destituição da prerrogativa do professor de seleção e organização dos conteúdos e da avaliação do rendimento escolar dos alunos, retirando controle sobre seu trabalho, ao lhe retirarem autonomia [...] (p. 72).

Neste sentido, este movimento diferenciado acontece principalmente pelos processos contraditórios em que acontecem na escola. Ou seja, por mais que o movimento do capitalismo rume em direção às ações e políticas que limitem cada vez mais o trabalho autônomo do professor, ainda sim há a possibilidade de se desenvolverem junto aos alunos os conhecimentos de forma crítica, pensando na própria superação deste modo de organizar a escola. Se não tivermos esse entendimento, a própria escola não faria sentido.

4 EDUCAÇÃO FÍSICA E PROLETARIZAÇÃO DOCENTE

Tentamos trazer algumas contribuições para o debate sobre o tema da proletarização docente no âmbito mais geral da educação. De fato, compreendemos que as diversas determinações ocorridas no trabalho docente perante este processo são muito similares para os professores das diversas áreas do conhecimento, e por isso nossas análises têm buscado dar conta de entender este



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

movimento no seu sentido amplo. Entretanto, nosso objeto de pesquisa parte de um recorte específico no campo da educação física escolar, tendo em vista nossa formação e nossa área de interesse acadêmico e científico.

Apesar de o tema da proletarização docente não ser recorrente nos trabalhos no âmbito da educação física, são inúmeras as pesquisas, de diferentes perspectivas teóricas, que apontam que tanto do micro contexto escolar quanto nas relações de trabalho mais amplas, de fato ocorre uma caracterização do professor de educação física da escola como sendo um trabalhador que vêm sofrendo um processo de proletarização do seu trabalho.

Wittizorecki (2001) realizou um estudo em quatro escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, onde investigou como os professores construíam seu trabalho docente e como articulavam suas ações frente às singularidades do projeto político-administrativo-pedagógico da mesma. Destaca uma série de questões sobre as condições de trabalho, como os recursos materiais e espaços físicos escassos para o desenvolvimento das atividades. Ainda aponta como questão a ser debatida a própria legitimidade que a Educação Física tem no projeto político-pedagógico das escolas, e destaca também a intensificação pela qual os professores vêm passando, como o atendimento à muitas e numerosas turmas e a rotinização do trabalho docente. Não é raro ver, em decorrência desta realidade e de tantas outras, uma quantidade significativa de professores que apresentam a chamada “síndrome do esgotamento profissional”, como aponta Santini (2004). Neste estudo, o autor sinaliza algumas condições do trabalho que acabam levando os professores de educação física a esse esgotamento. Mostra em sua investigação que diversos docentes criticam sua formação acadêmica, pois esta não dá conta de prepara-los para o cotidiano das escolas públicas, sendo a formação fragmentada, sem relacionar prática e teoria. Em relação ao espaço físico, o estudo de Oliveira (2008) teve como objetivo compreender como os professores de Educação Física se apropriam deste, e como ele (de)limita sua prática pedagógica. Segundo seus achados, há uma tendência a se hierarquizar os espaços disponíveis na escola, e do ponto de vista da apropriação dos espaços físicos, a arquitetura dos espaços disponíveis não são neutras, e por isso também interferem na escolha do quê e como ensinar. Geralmente, as escolas públicas reservam para a educação física uma quadra do tipo poliesportiva, nem sempre coberta. O que leva os professores a basicamente trabalhar com esportes coletivos, e tendo dificuldade para trabalhar outros elementos corporais, principalmente pela falta de infraestrutura adequada. Sobre o tema do esporte, Pergher (2008) faz um interessante debate. Em seu estudo, acaba identificando que as atividades esportivas mostram-se hegemônicas na escola e na educação física. E ainda aponta que isto ocorre de duas formas: a primeira é em relação ao esporte como conteúdo hegemônico, e a segunda forma é em relação à sua lógica, que é trabalhada principalmente a partir de uma lógica de rendimento.

5 CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Estes estudos são apenas alguns exemplos dentre outros realizados que tratam das questões referentes ao trabalho do professor de educação física no âmbito das escolas públicas. Entendemos



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

que as contribuições destes trabalhos que aqui apresentamos não tiveram como foco discutir o tema da proletarização. Porém, é possível, ao buscarmos uma crítica mais contundente às estas dificuldades apontadas, que no âmbito mais geral da sociedade, elas podem sim serem incluídas dentro de um contexto de aprofundamento das relações capitalistas dentro da escola e que interfere diariamente no trabalho pedagógico dos professores de Educação Física. É neste sentido que caminha a construção de nosso projeto de mestrado, que busca compreender a organização do trabalho pedagógico do professor de educação física frente ao processo de proletarização docente,

Muitas das características específicas do trabalhador assalariado – e que a partir delas surgem as reivindicações históricas dos trabalhadores - fazem parte também da realidade dos trabalhadores da educação. Entretanto, acreditamos que é importante fazer ressalvas em relação a este processo. Não podemos simplesmente realocar todas as condições do trabalho capitalista de forma direta para a realidade do professorado. Podemos então apontar que os docentes estão em *processo de proletarização* e não totalmente proletarizados. Isso porque, ao passo que as condições atuais do capitalismo tentam avançar no sentido de ampliar o controle sobre os trabalhadores, ainda existe uma massa de docente que expõe a contradição, seja nos espaços de organização sindical, seja em sala de aula.

REFERÊNCIAS

CONTRERAS, José. **A autonomia de Professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

COSTA, A. Entre a dilapidação moral e a missão redentorista: o processo de alienação no trabalho dos professores do ensino básico brasileiro. In: COSTA, A., FERNANDES NETO, E., SOUZA, G. **A proletarização do professor: neoliberalismo na educação**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009.

FERNÁNDEZ ENGUITA, Mariano. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes médicas, 1989.

HYPOLITO, Alvaro. Processo de trabalho na escola: algumas categorias para análise. **Teoria e Educação**. Porto Alegre. Nº 4. 3-21. 1991.

LAVAL, Christian. **Novo capitalismo e educação**. In: A escola não é uma empresa. Londrina. Editora Planta, 2004, p.03 – 21.

LUKÁCS, G. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. **Temas de Ciências Humanas**, 4: 1-18, 1978.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Martin Claret. 2001.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. In: **O desafio e o fardo do tempo histórico: O socialismo no século XXI**. São Paulo, 2007. Boitempo.

OLIVEIRA, C. **O espaço físico escolar a partir do olhar dos professores de Educação Física**. Trabalho de conclusão de curso. UFRGS. 2008.

PERGHER, E. **A hegemonia do esporte na escola**. Trabalho de conclusão de curso. UFRGS. 2008.

SANTINI, J. **A síndrome do esgotamento profissional: o “abandono” da carreira docente pelos professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre**. Dissertação de Mestrado. UFRGS. 2004.

WITTIZORECKI, Elisandro. **O trabalho docente dos professores de educação física na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre: um estudo nas escolas do Morro da Cruz**. Dissertação de Mestrado. UFRGS. 2001

ENDEREÇO:

RUA ALBION 278/121. Cep: 91530-010

Bairro Partenon. Porto Alegre-RS

email: bernardi.esef@gmail.com

telefone: 51 92026205